

CONDUZINDO SABERES, INSPIRANDO MUDANÇAS: O PAPEL TRANSFORMADOR DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

GUIDING KNOWLEDGE, INSPIRING CHANGE: THE TRANSFORMATIVE ROLE OF THE NURSE IN CONTINUING HEALTH EDUCATION

GUIANDO EL CONOCIMIENTO, INSPIRANDO EL CAMBIO: EL PAPEL TRANSFORMADOR DE LA ENFERMERÍA EN LA EDUCACIÓN CONTINUA EN SALUD

Cristian Henrique Candido da Silva¹, Cláudio Claudino da Silva Filho², Celso Ezequias Wolf Ribeiro³, Danielli Luiza Agostini⁴, João Gabriel dos Santos Faustino⁵, Maiara Eloísa Antunes Argenton⁶

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6202

Recibido: 17/06/2026 | **Aceptado:** 10/07/2026 | **Publicación en línea:** 17/07/2026.

RESUMO

As constantes transformações nos cenários de saúde, associadas às mudanças nas demandas assistenciais e aos avanços científicos, evidenciam a necessidade de fortalecer a Educação Permanente em Saúde (EPS) como estratégia para qualificação do trabalho em enfermagem. Nesse contexto, este estudo teve como objetivo refletir sobre o papel transformador do enfermeiro na condução da EPS, discutindo sua atuação como educador nos diferentes cenários de prática profissional, bem como os desafios relacionados à formação docente, ao desenvolvimento de competências pedagógicas e à aprendizagem contínua. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-reflexivo, fundamentada na análise crítica da literatura científica, de documentos normativos e de marcos legais relacionados à formação em enfermagem, à docência e à Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. A análise evidenciou que o enfermeiro exerce papel estratégico na articulação entre ensino, assistência, gestão e pesquisa, favorecendo a construção coletiva do conhecimento, o desenvolvimento de equipes críticas e reflexivas e a qualificação dos processos de trabalho. Também foram identificados desafios relacionados à insuficiência da formação pedagógica, à resistência às mudanças e à necessidade de fortalecimento de políticas institucionais voltadas à educação permanente. Conclui-se que o enfermeiro constitui agente

¹ Mestrando em Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Francisco Beltrão, Paraná, Brasil. E-mail: cristian.silva@prof.unipar.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3135-3991>

² Pós-Doutorando em Serviço Social, Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: claudio.filho@uffs.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5961-9815>

³ Graduanda em Enfermagem, Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, Paraná, Brasil. E-mail: celsowolfribeiro@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7505-7409>

⁴ Graduanda em Enfermagem, Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, Paraná, Brasil. E-mail: danielli.agostini@edu.unipar.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7558-1434>

⁵ Graduanda em Enfermagem, Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, Paraná, Brasil. E-mail: j.faustino@edu.unipar.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8963-0595>

⁶ Graduanda em Enfermagem, Universidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão, Paraná, Brasil. E-mail: maiara.argenton@edu.unipar.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2691-3761>

essencial na transformação das práticas em saúde, sendo a EPS um instrumento capaz de promover inovação, autonomia profissional, fortalecimento do Sistema Único de Saúde e melhoria da qualidade da assistência.

Palavras-chave: Educação Permanente em Saúde. Enfermagem. Docência. Educação em Saúde. Desenvolvimento Profissional.

ABSTRACT

The continuous transformations in healthcare settings, together with changing care demands and scientific advances, highlight the need to strengthen Continuing Health Education as a strategic approach to improving nursing practice. This study aimed to reflect on the transformative role of nurses in conducting Continuing Health Education, discussing their educational role in different professional practice settings, as well as the challenges related to teaching preparation, pedagogical competencies, and lifelong learning. This is a qualitative, theoretical-reflective study based on a critical analysis of scientific literature, regulatory documents, and legal frameworks related to nursing education, teaching, and the Brazilian National Policy for Continuing Health Education. The analysis demonstrated that nurses play a strategic role in integrating teaching, healthcare, management, and research, fostering collective knowledge construction, developing critical and reflective teams, and improving work processes. Challenges identified included insufficient pedagogical training, resistance to change, and the need to strengthen institutional policies supporting continuing education. It is concluded that nurses are key agents in transforming healthcare practices, with Continuing Health Education serving as an essential tool for promoting innovation, professional autonomy, strengthening the Brazilian Unified Health System, and improving the quality of healthcare delivery.

Keywords: Continuing Health Education. Nursing. Teaching. Health Education. Professional Development.

RESUMEN

Las constantes transformaciones en los escenarios de salud, junto con los cambios en las demandas asistenciales y los avances científicos, evidencian la necesidad de fortalecer la Educación Permanente en Salud como estrategia para la cualificación del trabajo de enfermería. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo reflexionar sobre el papel transformador del enfermero en la conducción de la Educación Permanente en Salud, analizando su actuación como educador en los diferentes escenarios de práctica profesional, así como los desafíos relacionados con la formación docente, el desarrollo de competencias pedagógicas y el aprendizaje continuo. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter teórico-reflexivo, fundamentada en el análisis crítico de la literatura científica, documentos normativos y marcos legales relacionados con la formación en enfermería, la docencia y la Política Nacional de Educación Permanente en Salud de Brasil. El análisis evidenció que el enfermero desempeña un papel estratégico en la articulación entre enseñanza, asistencia, gestión e investigación, favoreciendo la construcción colectiva del conocimiento, el desarrollo de equipos críticos y reflexivos y la cualificación de los procesos de trabajo. Asimismo, se identificaron desafíos relacionados con la insuficiente formación pedagógica, la resistencia al cambio y la necesidad de fortalecer políticas institucionales orientadas a la educación permanente. Se concluye que el enfermero constituye un agente esencial para la transformación de las prácticas en salud, siendo

la Educación Permanente en Salud una herramienta fundamental para promover la innovación, la autonomía profesional, el fortalecimiento del Sistema Único de Salud y la mejora de la calidad de la atención.

Palabras clave: Educación Permanente en Salud. Enfermería. Docencia. Educación para la Salud. Desarrollo Profesional.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O modelo tradicional de ensino, amplamente adotado na formação de profissionais da saúde, fundamenta-se em uma abordagem passiva, na qual o aluno assume um papel receptivo, com ênfase em aulas expositivas presenciais, memorização e reprodução de conteúdo. Esse método caracteriza-se por um ensino verticalizado, centrado no docente, com limitada criticidade e pouca inserção na realidade prática, muitas vezes destoando das demandas formativas dos trabalhadores da saúde. Diante desse cenário, no contexto da produção do cuidado, torna-se fundamental desenvolver habilidades para lidar com os diversos processos individuais, familiares e comunitários, atuando diretamente nos determinantes sociais e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações.

Enfatizando a importância de processos educativos contínuos para os profissionais, o termo Educação Permanente (EP) surgiu na França na década de 1950 e, a partir da década de 1960, foi disseminado internacionalmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Lemos et al., 2016; Schultz *et al.*, 1985).

Nesse contexto, a EP consolidou-se como uma abordagem formativa contínua, pautada na reflexão sobre o trabalho e na aprendizagem dentro do ambiente laboral, baseada em processos coletivos, colaborativos e significativos, que promovem o compartilhamento de saberes, diálogos horizontais e ampla participação social (Ministério da Saúde, 2018; Souza *et al.*, 2019). A Educação Permanente em Saúde (EPS), por sua vez, propõe a superação do modelo tradicional de ensino, promovendo a interação entre ensino, serviço e comunidade. Sua abordagem estratégica visa integrar, de maneira transformadora, ações educativas aos processos de trabalho em saúde, fortalecendo as relações interprofissionais e impactando diretamente os territórios e suas realidades. Para isso, adota um ensino crítico e problematizador do cotidiano, incentivando

a produção de conhecimento no dia a dia do trabalho, a criação de novas práticas assistenciais, o desenvolvimento de soluções inovadoras e a promoção de transformações na forma de cuidar (Gonçalves *et al.*, 2019; Ministério da Saúde, 2018; De-Carli *et al.*, 2019; Souza *et al.*, 2019).

Mais do que um método didático, a EPS deve ser entendida como um processo político-pedagógico, no qual os diferentes atores sociais compartilham o compromisso de construir conhecimento e fortalecer relações comunitárias de forma integrada e socialmente engajada, promovendo transformações que favoreçam a saúde. No contexto brasileiro, a Lei 8.080/1990 estabeleceu as bases para a estruturação de um sistema voltado à formação de recursos humanos na área da saúde, representando um marco legal fundamental para a consolidação gradual de práticas orientadas pelos princípios da EPS (Governo Federal, 1990; Jacovski *et al.*, 2021; Ministério da Saúde, 2018).

O processo de trabalho em enfermagem tem sido continuamente influenciado pelas transformações históricas e sociais ao longo do tempo. As mudanças nas políticas de saúde e nas dinâmicas sociais impactam diretamente tanto a formação quanto a prática profissional, exigindo um perfil de enfermeiro capaz de responder às demandas emergentes da população. Nesse cenário, torna-se imprescindível que a atuação do enfermeiro contemple de forma integrada a assistência, a gestão, o ensino e a pesquisa. Essa exigência está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para os cursos de Enfermagem e com a Lei do Exercício Profissional, que conferem legitimidade à dimensão gerencial como componente essencial da prática profissional. Assim, busca-se formar profissionais comprometidos com uma atuação crítica, reflexiva e tecnicamente qualificada, capazes de intervir nos diversos níveis de atenção à saúde e de contribuir com a melhoria contínua dos serviços oferecidos à sociedade (Brasil., 2001; Lessa; Araujo., 2013; Ferreira *et al.*, 2019).

A constante transformação dos cenários de saúde, aliada ao avanço das tecnologias, mudanças nos perfis epidemiológicos e às novas demandas da população, exige dos profissionais de enfermagem um compromisso contínuo com a qualificação de suas práticas. Nesse contexto, a EP emerge como uma ferramenta estratégica para o aprimoramento profissional, contribuindo diretamente para a melhoria da assistência prestada e para o fortalecimento dos princípios do SUS.

O enfermeiro, como integrante essencial das equipes de saúde e frequentemente em posição de liderança, desempenha papel fundamental na promoção e implementação de processos de educação permanente dentro das instituições. Seu olhar clínico, gerencial e educativo permite

identificar lacunas no cuidado, fomentar o desenvolvimento de competências e promover a integração entre os saberes técnico-científicos e as práticas cotidianas do trabalho em saúde.

Diante disso, justifica-se a elaboração deste trabalho com o propósito de discutir e evidenciar o papel estratégico do enfermeiro na condução da EPS. A abordagem visa refletir sobre sua atuação como articulador do conhecimento, fomentador de práticas baseadas em evidências e agente transformador dos processos de trabalho, contribuindo para a construção de equipes mais qualificadas, críticas e comprometidas com a excelência no cuidado.

REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

O Processo Formador Docente e Discente

Quem Ensina, Sabe Ensinar? Desafios da Docência na Enfermagem

A docência em nível superior, caracterizada como essencial e valorizada pela sociedade brasileira, é frequentemente assumida de forma intuitiva ou empírica por profissionais de áreas técnicas, como a enfermagem. Parte-se, equivocadamente, da premissa de que dominar determinado conteúdo técnico-científico é o suficiente para atuar como educador. No entanto, o ensino é uma atividade especializada, que aborda conteúdos teóricos e práticos que demanda preparo pedagógico, conhecimento e domínio de teorias da aprendizagem, sensibilidade social e ética, além de habilidades de comunicação e mediação de conflitos.

De acordo com Behrens (2022), os saberes docentes devem se basear em uma abordagem complexa e transdisciplinar, que promova a renovação da prática pedagógica. Essa perspectiva exige uma reconfiguração do ser professor, entendido como alguém em constante aprendizado, comprometido com a construção coletiva de sentido e com a transformação social. Ao integrar complexidade, diálogo e ética, o saber docente torna-se mais crítico e inovador.

Na enfermagem, esse desafio é ainda maior, pois a formação acadêmica tradicional prioriza o domínio técnico, com pouca ênfase em fundamentos pedagógicos. Muitos enfermeiros recorrem à própria vivência como estudantes para exercer a docência, o que, segundo Mizukami (2011), leva à reprodução de métodos tradicionais, autoritários e desatualizados, limitando o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

A educação superior contemporânea, orientada pela formação por competências, demanda

docentes capazes de integrar teoria e prática, mobilizando também aspectos afetivos e éticos dos alunos. Metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e em Projetos (PjBL), favorecem a autonomia, o pensamento crítico e a resolução de problemas reais. Nesse contexto, as emoções influenciam diretamente o engajamento e a aprendizagem, tornando o processo mais significativo e humanizado (Moraes e Costa, 2023).

No campo da enfermagem, Almeida *et al.* (2022) apontam que, apesar do domínio técnico dos enfermeiros-docentes, muitos se sentem inseguros quanto às estratégias de ensino e avaliação. A falta de políticas institucionais para formação pedagógica contínua compromete a qualidade do ensino e a satisfação dos profissionais, evidenciando a necessidade de investimentos nessa área para fortalecer o papel do enfermeiro como educador.

A pedagogia crítica, representada por Paulo Freire, oferece um arcabouço teórico essencial para repensar o papel do educador, de acordo com o autor, afirma que “ensinar exige consciência do inacabamento do ser humano, humildade e disposição permanente para o diálogo” (Freire, 1996, p. 21). Essa concepção rompe com a ideia de docência como transmissão unidirecional de saberes, defendendo um modelo horizontal de ensino, baseado no respeito mútuo, na escuta ativa e na problematização da realidade. No caso da enfermagem, isso significa educar para além da técnica e prática, promovendo o desenvolvimento da consciência crítica e da responsabilidade ética no cuidado.

A formação docente em saúde é essencial para a qualificação do ensino superior, especialmente diante das rápidas mudanças sociais e tecnológicas. De acordo com Moraes e Costa (2023) aponta que apesar dos avanços nos programas de formação, como o uso de metodologias ativas, persistem desafios como a falta de apoio institucional, resistência dos docentes e a desvalorização da docência em comparação com outras áreas. Para superar essas fragilidades, é necessário investir em espaços de aprendizagem colaborativa e contínua, apoiados por políticas públicas eficazes, que garantam uma formação reflexiva e qualificada para os docentes da saúde.

Assim, a questão “quem ensina, sabe ensinar?” desafia a própria estrutura dos cursos de formação em enfermagem, que ainda carecem de uma integração mais robusta entre os conteúdos técnicos e pedagógicos. Saber ensinar exige mais do que boa disposição ou domínio de conteúdo: exige intencionalidade, metodologia, ética e, acima de tudo, compromisso com a transformação do outro e de si mesmo no processo educativo.

Todo Enfermeiro É um Educador? Uma Reflexão sobre o Saber Pedagógico na Enfermagem

A atuação do enfermeiro transcende a dimensão técnica do cuidado e alcança um papel educador que se manifesta em diversas esferas da prática profissional: no ensino formal, na assistência direta, na gestão e na educação em saúde. Contudo, afirmar que “todo enfermeiro é um educador” exige uma análise crítica, pois há uma diferença substancial entre realizar ações educativas pontuais e assumir, de fato, a identidade de educador com integralidade pedagógica.

A formação do enfermeiro, historicamente centrada no modelo biomédico e hospitalocêntrico, contribuiu para uma compreensão restrita do processo educativo e acadêmico, sendo, em sua maioria, limitado à transmissão de informações ao paciente ou à capacitação técnica da equipe. No entanto, o paradigma da saúde coletiva e os princípios do SUS demandam uma prática profissional que articule conhecimento técnico-científico com competências pedagógicas e comunicacionais (Brasil, 2018).

Segundo Almeida *et al.* (2022), o papel educador do enfermeiro precisa ser compreendido em três dimensões complementares: a educação em saúde, voltada ao paciente e comunidade; a educação permanente em saúde, voltada aos profissionais de saúde; e à docência acadêmica formal, exercida nos espaços de ensino superior ou técnico. Em todas essas dimensões, o enfermeiro não apenas compartilha saberes, mas também intermedia a construção coletiva do conhecimento, contribuindo para o empoderamento dos sujeitos e para a autonomia no cuidado.

Na perspectiva de Freire (1996), educar é um ato de amor e coragem, um processo dialógico em que educador e educando constroem, juntos, novos sentidos sobre a realidade. O enfermeiro que assume o papel de educador deve, portanto, estar comprometido com a escuta, com o respeito às singularidades culturais e com a promoção da criticidade. Isso é especialmente importante na educação em saúde, onde as práticas educativas, para serem eficazes, precisam considerar os saberes populares, o contexto de vida e os determinantes sociais da saúde.

Estudos recentes reforçam a importância de uma abordagem pedagógica crítica e dialógica na prática educativa do enfermeiro. De acordo com Silva *et al.* (2023), ao analisarem estratégias de educação em saúde no âmbito da atenção básica, destacam que a efetividade das ações está diretamente associada à capacidade do profissional de adaptar-se à realidade dos usuários e utilizar linguagens acessíveis, interativas e culturalmente sensíveis.

Além disso, o enfermeiro educador precisa reconhecer-se como sujeito formador também

dentro das equipes de trabalho. A Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), revisada em 2018, enfatiza o papel dos profissionais de saúde na construção coletiva do saber, por meio da problematização das práticas e da valorização da experiência. A liderança pedagógica do enfermeiro, nesse sentido, é fundamental para promover a atualização, a humanização do cuidado e a melhoria dos serviços.

Outro aspecto relevante é o papel do educador ou facilitador do processo educativo. Profissionais de enfermagem mais jovens ou recém-formados, ao assumirem papéis educativos, frequentemente encontram resistência por parte de colegas mais experientes. Esse fenômeno, descrito por Abreu, Silva e Domanoski (2024), relaciona-se com uma cultura de valorização do tempo de serviço em detrimento da competência técnico-pedagógica. A superação desse cenário requer o fortalecimento da liderança pedagógica, baseada no respeito, no reconhecimento da experiência e na criação de vínculos de confiança.

Contudo, conforme Ludugerio *et al.* (2024) é necessário reconhecer que nem todo enfermeiro se sente preparado ou confortável para desempenhar o papel de educador. Isso se deve, muitas vezes, à ausência de formação pedagógica durante a graduação e à falta de reconhecimento institucional das ações educativas.

A construção da identidade docente na enfermagem exige, portanto, mudanças em políticas institucionais de formação continuada, reformulação da estrutura curricular dos cursos de graduação, constante dedicação a educação continuada nos níveis *lato sensu* e *stricto sensu*, buscando aprimorar a formação metodológica e docente, bem como a valorização da EP e incentivo à pesquisa sobre práticas educativas. O enfermeiro precisa compreender-se como um educador em todas as instâncias do cuidado, e essa compreensão só se efetiva quando mediada por uma formação crítica, ética e humanista.

Entre o Saber e o Fazer: o Desafio da Aprendizagem Contínua na Enfermagem

A disposição para o aprendizado contínuo é uma das competências essenciais no perfil do profissional de saúde contemporâneo. No entanto, aceitar ser ensinado envolve dimensões que ultrapassam a simples disponibilidade individual: trata-se de um processo influenciado por aspectos culturais, institucionais, emocionais e relacionais. Refletir sobre se os profissionais da enfermagem aceitam ser ensinados é, portanto, discutir não apenas atitudes individuais, mas também o modo como o ensino e a aprendizagem estão organizados no cotidiano do trabalho.

A enfermagem, por sua própria natureza, é uma profissão em constante evolução, profundamente marcada pelo avanço científico, pela incorporação de novas tecnologias e pela crescente complexidade do cuidado. Tal realidade exige do profissional a capacidade de revisitar constantemente suas práticas, reformular conceitos e desenvolver novas habilidades. No entanto, como apontam Lima e Rodrigues (2021), muitos profissionais apresentam resistência às propostas de formação continuada, o que pode estar relacionado a experiências negativas anteriores, ausência de incentivo institucional, sobrecarga de trabalho ou percepções equivocadas sobre o valor da atualização.

Segundo Freire (1996, p. 19), aprender exige humildade, coragem e abertura ao novo. O autor destaca que "ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação". A aceitação de ser ensinado, nesse sentido, é um ato de reconhecimento da própria incompletude e da possibilidade permanente de transformação. No entanto, em ambientes hierarquizados, com culturas organizacionais autoritárias ou tecnicistas, esse processo pode ser comprometido, seja por medo do julgamento, seja pela ausência de espaços dialógicos e colaborativos.

A EPS, política pública instituída no Brasil desde 2004 e fortalecida pela revisão de 2018, propõe uma abordagem inovadora ao considerar o processo educativo como parte integrante do trabalho. Para isso, é fundamental que os profissionais sejam protagonistas de sua própria aprendizagem, identificando problemas reais de sua prática, analisando-os coletivamente e buscando soluções com base em evidências (Brasil, 2018). Esse modelo rompe com a lógica tradicional de capacitação pontual e prescritiva e valoriza a aprendizagem significativa, contextualizada e crítica.

Contudo, a efetivação da EP depende de um ambiente institucional que favoreça o diálogo, reconheça os saberes da equipe e promova a corresponsabilidade no ensino-aprendizagem. Quando os profissionais são convidados a aprender por meio de estratégias autoritárias, sem participação ativa ou contextualização com sua realidade, tendem a rejeitar o processo, percebendo-o como impositivo e desnecessário (Roecker; Budó; Marcon, 2012).

Por fim, é necessário considerar que a aceitação de ser ensinado também está associada ao modo como o conhecimento é apresentado. Estratégias de ensino que privilegiam o diálogo, a resolução de problemas, a valorização da experiência e a aplicação prática tendem a gerar maior adesão e envolvimento. Em contrapartida, abordagens centradas na exposição teórica, na repetição de protocolos e na ausência de feedback construtivo afastam os profissionais do

processo educativo.

Portanto, os profissionais da enfermagem podem sim aceitarem a ser ensinados, desde que o processo educativo respeite sua autonomia, valorize sua experiência e dialogue com as demandas reais do cotidiano. O desafio não está apenas na disposição individual para aprender, mas na construção coletiva de uma cultura organizacional que compreenda o ensino como parte indissociável do trabalho em saúde.

Cenários onde a Educação Permeia a Atuação do Enfermeiro

Como o Enfermeiro faz Educação

Há diversos contextos em que o enfermeiro atua como educador, considerando seu papel estratégico nos diferentes espaços e níveis de atenção à saúde. Essa atuação se manifesta, nas práticas de educação em saúde junto aos indivíduos, famílias, comunidades e nos serviços de saúde, com ações voltadas à promoção da saúde, prevenção de agravos e fortalecimento do autocuidado. No âmbito da formação profissional, o enfermeiro também exerce função essencial como docente nos cursos de formação técnica e de graduação em Enfermagem, contribuindo com a formação crítica, ética e comprometida de futuros profissionais.

Outro campo importante de atuação educativa do enfermeiro se dá nos processos de EPS, que devem ocorrer de forma integrada em diferentes contextos, como na APS, nos serviços hospitalares e também no exercício da docência. Compreendida como uma estratégia fundamental para a qualificação contínua das práticas profissionais, a EPS potencializa a reflexão crítica sobre o processo de trabalho em saúde e promove a transformação das práticas com base nas necessidades concretas dos serviços e dos sujeitos envolvidos, fortalecendo, assim, o cuidado em saúde integrando conhecimentos e práticas.

Nesses diferentes contextos, o enfermeiro reforça seu papel como educador, assumindo uma posição de mediação do conhecimento e fortalecendo a construção coletiva de saberes que impactam diretamente na qualidade dos serviços ofertados à população.

A Educação em Saúde nos Diferentes Níveis de Atenção: à Prática Educativa do Enfermeiro na Rede de Saúde

Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2013), a educação em saúde é um processo educativo que visa aumentar a autonomia das pessoas em seu cuidado, a fim de alcançar uma atenção à saúde de acordo com suas necessidades. O processo educativo não é uma tarefa fácil e nem sempre o profissional encontrará facilidades para seu desenvolvimento na comunidade. Por isso, é necessário que o enfermeiro esteja preparado para o enfrentamento dos desafios existentes nesse processo, além de ser flexível, saber ouvir e complementar aquilo que a população traz como conhecimento (Lira *et al.*, 2021).

A atuação do enfermeiro como educador em saúde se estende por todos os níveis de atenção, sendo fundamental para a promoção da saúde, prevenção de agravos e fortalecimento da autonomia dos indivíduos e comunidades. A prática educativa se concretiza nos diferentes pontos da Rede de Atenção à Saúde (RAS): atenção primária, secundária e terciária. Nesse sentido, a prática educativa deve ser devidamente ajustada às particularidades de cada ponto de atenção.

Desta forma a APS, considerada o nível primário de atenção à saúde, é reconhecida como a principal porta de entrada do SUS no Brasil, oferecendo atendimento integral, seguindo os princípios estabelecidos na Constituição Federal. Estruturada principalmente por meio das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e da Estratégia Saúde da Família (ESF), a APS visa promover a saúde, prevenir doenças e realizar o acompanhamento longitudinal de indivíduos e comunidades.

No contexto da ESF, o enfermeiro desempenha um papel essencial nas práticas assistenciais desenvolvidas junto a indivíduos e famílias, iniciadas a partir do contato estabelecido por meio da consulta de enfermagem. Diante de todas as atividades realizadas pelos enfermeiros, a consulta de enfermagem se destaca como um espaço importante para a prática clínica e a educação em saúde, permitindo uma interação mais próxima entre o indivíduo e o profissional e possibilitando conhecer suas demandas e avaliar suas condições de saúde de maneira integral (Pires; Lucena; Mantesso, 2022).

A atuação do enfermeiro não se limita ao espaço físico das UBS, mas se expande para envolver toda a comunidade em suas ações. Confirma-se, por exemplo, a importância da implementação de intervenções educativas voltadas à promoção da saúde de adolescentes no ambiente escolar. Diante disso, Oliveira *et al.* (2020) apontam que o profissional da enfermagem

pode utilizar-se da Educação em Saúde para promover o conhecimento acerca da sexualidade, métodos anticoncepcionais e prevenir gestações não planejadas na adolescência, possibilitando assim o direito à saúde e a uma vida com qualidade e autonomia.

De acordo com Guimarães e Cabral (2022) trouxeram a escola como local de intervenção, um ambiente oportuno para o desenvolvimento de práticas de promoção da saúde, considerando a baixa frequência dos adolescentes nos serviços de saúde. Além dos atendimentos realizados na UBS e das ações educativas nas escolas, as visitas domiciliares (VD) também se configuram como uma importante estratégia de educação em saúde. Nessa modalidade, o enfermeiro atua diretamente no território, junto aos usuários, possibilitando uma abordagem individualizada, humanizada e sensível às realidades sociais, culturais e de saúde das famílias.

A VD é considerada como um meio importante de interação entre a ESF e as famílias, facilitando o acesso aos serviços, à construção de novas relações entre os usuários, a equipe e à formação de vínculo entre estes (Brasil, 2006). Ressalta-se que, é por intermédio da visita que este profissional será apto a analisar as condições sociais e familiares em que vive o indivíduo, bem como fazer a busca ativa e realizar as medidas assistenciais adequadas, com base na promoção da saúde. O enfermeiro realiza suas VD voltadas não apenas para o cliente, mas também para sua família (Farias *et al.*, 2020).

A atuação educativa do enfermeiro no primeiro nível de atenção à saúde é ampla e fundamental, com abordagem humanizada, contribui para a promoção da saúde, prevenção de doenças e fortalecimento do vínculo com a comunidade. A educação em saúde nos níveis secundário e terciário é essencial para qualificar o cuidado e promover a continuidade da assistência. Isso é especialmente importante devido à complexidade das condições de saúde, à diversidade de demandas assistenciais e à necessidade de garantir a continuidade do cuidado após o atendimento especializado ou hospitalar.

Na atenção secundária, que compreende serviços especializados como ambulatórios e hospitais de média complexidade, a educação em saúde visa orientar pacientes sobre o manejo de doenças crônicas e condições que requerem acompanhamento específico. O enfermeiro, neste contexto, pode atuar como facilitador do autocuidado, promovendo ações educativas individuais e em grupo, voltadas à adesão ao tratamento, reconhecimento de sinais de agravamento e incentivo à mudança de hábitos.

As práticas educativas na atenção secundária e terciária estão presentes ao longo de toda a assistência, desde a admissão até a alta hospitalar, e são fundamentais para capacitar o paciente

a participar ativamente do seu cuidado (Pinto; Paiva, 2021; Izidório *et al.*, 2022). Isso se torna ainda mais relevante diante do aumento das condições crônicas, que exigem gestão contínua. Na atenção terciária, voltada a casos de alta complexidade, a educação em saúde deve ser um processo contínuo e sistematizado.

Durante a internação, os pacientes tendem a estar mais receptivos ao cuidado e à mudança de hábitos (Arruda; Silva, 2020). No entanto, rotinas hospitalares rígidas podem limitar a interação entre equipe e paciente, prejudicando a escuta qualificada e o vínculo (Pinto; Paiva, 2021). Para fortalecer a dimensão educativa do cuidado, são recomendadas ações estruturadas, tanto individuais quanto coletivas, que envolvam pacientes, familiares e cuidadores, além do uso de materiais educativos e da atuação em rede com outros níveis de atenção (Arruda; Silva, 2020).

O hospital, como parte da Rede de Atenção à Saúde (RAS), cumpre um papel essencial em todas as fases da vida. A articulação entre os níveis de atenção é crucial para assegurar a continuidade e a integralidade do cuidado, garantindo que as orientações iniciadas no hospital sejam reforçadas na atenção primária.

De acordo com Monteiro (2021), o enfermeiro deve ser um profissional habilitado para o desenvolvimento de atividades educativas em saúde, realizando um trabalho de forma integrativa à população, pois isso possibilita a criação de vínculos e auxilia o paciente nas necessidades específicas, contribuindo para autonomia do sujeito no processo saúde-doença.

A Docência em Enfermagem: Competências e Desafios na Formação de Profissionais de Saúde Críticos e Reflexivos

O enfermeiro, ao assumir o papel de docente, tem uma função essencial na formação de novos profissionais da saúde. Atua em instituições de ensino, como universidades, faculdades e escolas técnicas, sendo responsável pelo planejamento, condução e avaliação de conteúdos teóricos e práticos. Além disso, desempenha papel fundamental na articulação entre ensino, serviço e comunidade, aproximando os estudantes dos cenários reais de cuidado por meio de estágios, projetos de extensão e pesquisas aplicadas às necessidades da população, esta integração fortalece a qualidade do aprendizado.

A evolução do conhecimento na área da saúde bem como as transformações sociais têm gerado discussões a respeito da necessidade de mudança na formação dos profissionais de enfermagem, sejam auxiliares, técnicos, enfermeiros e obstetrizas, esta realidade está declarada

em documentos de âmbito internacional que incluem a Organização Mundial de Saúde, a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), o Conselho Internacional de Enfermagem, instituições brasileiras que representam os profissionais de enfermagem em diferentes instâncias, como Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) (Penha Conceição *et al.*, 2024).

Diante das transformações na sociedade contemporânea, com a evolução da tecnologia e o volume crescente de informações, as discussões sobre os processos de ensino e aprendizagem na formação dos profissionais de saúde têm se ampliado. As DCN's para o curso de Enfermagem enfatizam a necessidade de metodologias de ensino-aprendizagem que estimulem a autonomia, a criticidade, a capacidade de resolução de impasses e a competência de aprender a aprender. Neste sentido, as metodologias ativas apresentam potencial como estratégia pedagógica no ensino em saúde (Colares; De Oliveira, 2020).

As metodologias ativas referem-se a um conjunto de estratégias de ensino-aprendizagem que objetivam tornar o aluno protagonista na construção do seu próprio conhecimento. Atribuem a relevância do uso das metodologias ativas ao fato de o professor deixar de ser o centro do processo de ensino-aprendizagem e o estudante tornar-se responsável e participante, à medida que ele vai à busca de seu conhecimento (Colares; De Oliveira, 2020).

É fundamental que as instituições de ensino e os órgãos reguladores atuem de forma articulada para definir padrões elevados de qualidade nos cursos de Enfermagem, assegurando uma formação efetiva e compatível com as demandas da profissão e da sociedade. Nesse contexto, a liderança se destaca como uma das competências essenciais ao enfermeiro, permitindo influenciar a equipe para alcançar os objetivos do cuidado em saúde. Além disso, o líder precisa intervir diante dos desafios do cotidiano, demonstrando habilidades de gerenciamento, tomada de decisão e administração de adversidades, essenciais para a qualidade da assistência (Silva et al., 2021).

É necessário formar enfermeiros com perfil criativo, crítico e reflexivo diante do cenário atual da saúde, para que sejam capazes de oferecer uma assistência qualificada ao usuário, à família e à comunidade.

O PAPEL TRANSFORMADOR DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE (EPS)

A PNEPS, instituída em 2003 pela Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES) do Ministério da Saúde, representa um marco importante na qualificação do SUS. Seu desenvolvimento normativo inicial se deu com a Portaria GM/MS nº 198/2004, sendo posteriormente ampliada pela Portaria GM/MS nº 1.996/2007, introduzindo novas diretrizes voltadas à articulação entre ensino e serviço, e à integração entre formação, gestão e controle social (Ministério da Saúde, 2007; 2018).

Mais do que uma metodologia pedagógica, a EP é compreendida como uma estratégia complexa de formação, que se origina no cotidiano dos serviços de saúde e nas práticas profissionais. Trata-se de uma política interprofissional, centrada na aprendizagem colaborativa e no diálogo entre os diferentes atores da equipe de saúde, com foco nas necessidades reais da população. Fundamenta-se no conceito de que profissionais de diversas áreas aprendem juntos para atuar conjuntamente, promovendo reflexões críticas sobre os papéis profissionais e estimulando decisões compartilhadas (Freire, 1967; Figueiredo *et al.*, 2022).

A complexidade do setor saúde exige uma política educacional flexível, adaptada aos contextos locais e capaz de integrar os níveis macro e micropolítico das instituições. Assim, a EPS deve ser construída a partir das especificidades das práticas de trabalho e das realidades institucionais, promovendo mudanças que articulem saberes teóricos e práticos (Delizoicov *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2024).

Nesse cenário, destaca-se o papel estratégico da extensão universitária ao promover o diálogo entre os saberes acadêmico e popular, fortalecendo o vínculo com a comunidade e contribuindo para a transformação social (Adamy *et al.*, 2018). As DCN's ainda orientam a formação de profissionais generalistas, críticos e reflexivos, com competências essenciais para o cuidado integral e ético.

É nesse contexto que o enfermeiro emerge como um protagonista na EPS, assumindo um papel central na articulação entre teoria e prática, no desenvolvimento de lideranças e na promoção da aprendizagem no cotidiano dos serviços. A formação do enfermeiro deve contemplar, desde a graduação, habilidades como comunicação eficaz, liderança, tomada de decisão e gestão, que são continuamente aperfeiçoadas através da EPS (Cofen, 2001).

A práxis, compreendida como a ação-reflexão-ação, constitui-se como base para o

desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência transformadora, permitindo ao enfermeiro intervir na realidade com autonomia e criatividade. Por meio do diálogo, da problematização e da prática reflexiva, torna-se possível superar estruturas opressoras e promover melhorias tanto na formação quanto na assistência em saúde (Freire, 2001; 2016).

A atuação do enfermeiro, nesse contexto, ultrapassa a assistência direta: ele também é educador, gestor e articulador de processos de mudança, sendo peça-chave na consolidação do SUS. A EPS possibilita ao enfermeiro transformar desafios em oportunidades de aprendizado coletivo e de qualificação da equipe de saúde. Em diferentes cenários como a APS, o ambiente hospitalar ou a docência, o enfermeiro assume a responsabilidade de conduzir processos formativos voltados à melhoria da qualidade do cuidado (Gonçalves *et al.*, 2023).

Durante muitos anos, a enfermagem foi percebida, tanto por outros profissionais da saúde quanto pela sociedade em geral, como uma profissão socialmente desvalorizada, marcada por baixos salários e elevada dedicação pessoal. O empreendedorismo surge, nesse cenário, como uma alternativa promissora para os profissionais de enfermagem, oferecendo oportunidades de independência e atuação por meio de práticas inovadoras. Essa abordagem rompe com o modelo tradicional de trabalho em hospitais e unidades de saúde, especialmente diante de desafios como a sobrecarga de trabalho e a limitada autonomia profissional (Copelli *et al.*, 2022).

Nesse contexto, um estudo realizado na região Sul do Brasil, voltado à educação continuada e permanente em saúde, evidenciou que a estratégia denominada “Incubadora de Aprendizagem” configura-se como uma prática efetiva para a aquisição de conhecimentos relacionados à tecnologia, funcionando como um indutor do empreendedorismo. Essa metodologia permite (re)criar e qualificar relações, interações e processos de trabalho em saúde, estimulando atitudes proativas, o surgimento de novas ideias e o desenvolvimento de habilidades e competências com foco em uma atuação empreendedora (Backes *et al.*, 2015; Bragagnolo *et al.*, 2023).

Na Atenção Primária à Saúde (APS), o enfermeiro atua por meio de ações educativas contextualizadas às necessidades do território, fortalecendo a integralidade do cuidado. No ambiente hospitalar, sua prática inclui a atualização de protocolos, garantia da segurança do paciente e integração de novos profissionais por meio da Educação Permanente em Saúde (EPS). Já na docência, seu papel é essencial para formar profissionais críticos, capazes de articular teoria e prática. Para exercer plenamente esse papel transformador, é imprescindível que o enfermeiro desenvolva competências socioemocionais, como liderança empática, comunicação assertiva e

inteligência emocional, promovendo o diálogo com a equipe, a resolução de conflitos e a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis (De Abreu; Da Silva; Domanoski, 2024).

A EPS, nesse contexto, deixa de ser uma atividade esporádica e passa a integrar o processo de trabalho do enfermeiro, consolidando-se como uma prática cotidiana de transformação. O enfermeiro, ao tornar-se multiplicador de saberes, fortalece a identidade profissional da equipe, promove a autonomia dos trabalhadores e contribui para a construção de um sistema de saúde mais qualificado, equitativo e humano.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter teórico-reflexivo, desenvolvida a partir da análise crítica da literatura científica e de documentos normativos relacionados à EPS, à formação docente em Enfermagem e ao papel educativo do enfermeiro nos diferentes cenários de atuação profissional.

A construção do manuscrito fundamentou-se na consulta a artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, livros clássicos da área da educação, legislações, diretrizes curriculares e documentos oficiais do Ministério da Saúde, do Conselho Nacional de Educação (CNE), do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e de organismos nacionais e internacionais relacionados à formação e ao desenvolvimento dos trabalhadores da saúde.

Foram priorizadas publicações recentes, preferencialmente dos últimos cinco anos, sem desconsiderar obras clássicas consideradas fundamentais para a compreensão dos referenciais teóricos abordados, especialmente os pressupostos da pedagogia crítica de Paulo Freire e os marcos legais que sustentam a PNEPS.

A análise do material ocorreu de forma interpretativa e reflexiva, buscando estabelecer articulações entre os referenciais teóricos, os dispositivos legais e as evidências científicas contemporâneas acerca da docência em enfermagem, da educação em saúde, da Educação Permanente em Saúde e da atuação do enfermeiro como agente educador e transformador dos processos de trabalho. A organização do texto foi estruturada em eixos temáticos que possibilitaram discutir criticamente os desafios da formação docente, a identidade pedagógica do enfermeiro, os diferentes espaços educativos de sua atuação e sua contribuição para o fortalecimento do SUS.

Por não envolver seres humanos, coleta de dados primários ou acesso a informações de

identificação individual, este estudo dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

CONCLUSÃO

O presente artigo discute criticamente a atuação do enfermeiro como educador, ressaltando que esse papel vai além da simples transmissão de conhecimentos técnicos. A atividade educativa está presente em diversos contextos como o acadêmico, assistencial, institucional e comunitário e exige formação que uma competência técnica, fundamentos pedagógicos, ética e sensibilidade social e cultural.

Embora os enfermeiros possuam domínio técnico, a docência demanda habilidades específicas, como conhecimento em teorias da aprendizagem, comunicação, mediação e reflexão. A falta de formação pedagógica adequada leva à reprodução de práticas tradicionais e pouco eficazes. Além disso, obstáculos institucionais e culturais, como estruturas hierarquizadas e falta de incentivo à formação, dificultam a construção de uma cultura de aprendizado contínuo.

A afirmação de que "todo enfermeiro é um educador" deve ser problematizada. É preciso incorporar uma identidade pedagógica comprometida com a autonomia e criticidade dos sujeitos. A atuação educativa do enfermeiro se manifesta em todos os níveis de atenção à saúde, desde a Atenção Primária, com práticas sensíveis e comunitárias, até os níveis Secundário e Terciário, onde são necessárias estratégias educativas estruturadas.

A EPS é destacada como estratégia fundamental para o fortalecimento do SUS, promovendo formação crítica e integrada à prática. O enfermeiro, como agente transformador, precisa desenvolver competências como liderança, comunicação e inteligência emocional para conduzir processos formativos eficazes e humanizados. Em síntese, reconhecer o enfermeiro como educador é reafirmar o compromisso com uma prática ética, crítica e humanizada, voltada à emancipação dos sujeitos e à transformação das relações de cuidado e dos serviços de saúde.

REFERÊNCIAS

ABREU, EA; SILVA, EA; DOMANOSKI, PC. **O papel do enfermeiro educador no desenvolvimento da liderança.** *Nursing (Edição Brasileira)*, v. 27, n. 307, p. 10081–10085, jan. 2024. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2024v27i307p10081-10085>.

ADAMY, E. K; ZOCHE, D. A. de A *et al.* Tecendo a educação permanente em saúde no

contexto hospitalar: relato de experiência. **Revista De Enfermagem Do Centro-Oeste Mineiro**, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.19175/recom.v8i0.1924>

ALMEIDA, Ana Paula et al. **Formação pedagógica de enfermeiros educadores: desafios e perspectivas**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 75, n. 6, e20220038, 2022. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0038>

ARRUDA, C; SILVA, D. M. G. V. **A hospitalização como espaço para educação em saúde às pessoas com diabetes mellitus**. Revista FunCare Online, v. 12, p. 37–45, jan./dez. 2020. Disponível em <https://www.seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/8723>.

Backes, Dirce Stein, et al. “Incubadora de Aprendizagem: ferramenta indutora do empreendedorismo na Enfermagem”. Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 68, dezembro de 2015, p. 1103–08. SciELO, <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680615i>.

BEHRENS, M.A; FLEURY, P.F et al. **Saberes docentes à luz da complexidade e transdisciplinaridade na renovação da prática pedagógica em busca do diálogo e da ética**. Debates em Educação, v. 14, n. 36, p. 185–197, 2022. Disponível em <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/14216>.

Bragagnolo, Emanuela Gomes Fogaça, et al. “Empreendedorismo em enfermagem no Brasil: scoping review”. Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem, vol. 13, no 41, julho de 2023, p. 581–94. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.24276/rrecien2023.13.41.581-594>.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 03 de 07 de novembro de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem**. Brasília, 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Enf.pdf>

BRASIL. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/evelhecimento_saude_pessoa_idosa.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: O que se tem produzido para o seu fortalecimento?** Brasília: MS, 2018. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude_fortalecimento.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_educacao_popular_sus.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 198, de 13 de fevereiro de 2004. **Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências**. Diário Oficial da União. 14 Fev 2004. Disponível em <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1832.pdf>

COFEN. **Diretrizes para a qualidade da formação profissional em enfermagem**. Brasília, DF: COFEN, 2022. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Enf.pdf>

COFEN. **Resolução CNE/CES n. 3, de 07 de novembro de 2001**. Diário Oficial União. 9 nov 2001. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cne-ces-n-3-de-7-de-novembro-de-2001-diretrizes-nacionais-curso-graduacao-enfermagem_6933.html

COLARES, K. T. P; OLIVEIRA, W. **Uso de metodologias ativas sob a ótica de estudantes de graduação em Enfermagem**. Revista Sustinere, v. 8, n. 2, p. 374–394, 2020. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/45088..>

COPELLI, Fernanda Hannah Da Silva *et al.* “Entrepreneurship and entrepreneurial education in the context of postgraduate nursing”. Revista Gaúcha de Enfermagem, vol. 43, 2022, p. e20200444. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20200444.en>.

COREN - SP. **Relatório sobre a educação à distância na enfermagem**. São Paulo: COREN-SP, 2023. Disponível em <https://www.coren-sp.gov.br/relatorio-educacao-distancia-enfermagem-2023>.

DE ABREU, E. A; DA SILVA, E. A *et al.* **O papel do enfermeiro educador no desenvolvimento da liderança**. Nursing (Edição Brasileira), v. 27, n. 307, p. 10081–10085, 2024. Disponível em <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3161>.

DE-CARLI, A.D *et al.* Integração ensino-serviço-comunidade, metodologias ativas e Sistema Único de Saúde: percepções de estudantes de Odontologia. **Cadernos Saúde Coletiva**, vol. 27, nº 4, p. 476–83, dezembro de 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1414-462x201900040452>.

DELIZOICOV, D; DELIZOICOV, N. C. *et al.* **Paulo Freire e o ser humano em processo de formação permanente**. Retratos Da Escola, v. 14, n. 29, p. 353–369, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.22420/rde.v14i29.1155>

FARIAS, L. L. S. *et al.* Visita domiciliar na prestação do cuidado de enfermagem à pessoa idosa: um relato de experiência. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 5, p. 27761–27780, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/10089>.

FIGUEIREDO, E.B.L, *et al.* “Continuing Health Education: an interprofessional and affective policy”. **Saúde em Debate**, vol. 46, no 135, dezembro de 2022, p. 1164–73. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213515i>.

FREIRE P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro; 2001.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido**. 60a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, C.B, *et al.* “A retomada do processo de implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde no Brasil”. **Saúde em Debate**, vol. 43, no spe1, agosto de 2019, p. 12–23. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/0103-11042019s101>.

GONÇALVES, E. F. **Estudo da prática da educação permanente em saúde na rede de atenção primária à saúde de Ribeirão Preto - SP**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissionalizante) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17165/tde-08052023-141405/>.

Governo Federal (BR). (1990). Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

GUIMARÃES, J.; CABRAL, C. D. S. Pedagogias da sexualidade: discursos, práticas e (des) encontros na atenção integral à saúde de adolescentes. **Pro-Posições**, v. 33, e20200043, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0043>.

IZIDÓRIO, B. H. S. et al. Educação em saúde: qualidade no cuidado humanizado por meio do enfermeiro. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 9, p. 137–151, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i9.6871>.

JACOBOWSKI, R; FERRO, L.F. “Educação permanente em Saúde e Metodologias Ativas de ensino: uma revisão sistemática integrativa”. **Research, Society and Development**, vol. 10, no 3, março de 2021, p. e39910313391. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13391>.

LE MOS, C.L.S. Educação Permanente em Saúde no Brasil: educação ou gerenciamento permanente?. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 21, no dia 3 de março de 2016, p. 913–22. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182015>.

LIMA, J. S.; RODRIGUES, M. C. R. **Barreiras e facilitadores da aprendizagem no ambiente de trabalho em enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 74, n. 3, e20201034, 2021. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1034>

LIRA, A. C. et al. O enfermeiro como educador na Estratégia Saúde da Família. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 91945–91958, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/56056>.

LUDUGERIO, P. I. T.; SILVA, M. R. C. da; SILVA, W. dos S.; PEREIRA, I. de S.; LOPES, B. F. F.; CASTRO, J. Y. M. de; SOUZA JUNIOR, F. C. de; OLEGÁRIO, J. P. da S.; ANDRADE, Y. F. V. de. **Desafios emergentes na educação em enfermagem: uma reflexão da defasagem**. Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 4, p. e3597, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n4-029. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3597>.

MARTINS, C. L. A. et al. O enfermeiro como educador em saúde: desafios e estratégias. **Revista de Enfermagem e Saúde Pública**, v. 10, n. 2, p. 95-108, 2021.

Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 1.996, de 20 de agosto de 2007. **Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2007.

Mizukami, M.G.N. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. *Educação*, 29(2), 33–50, 2011 Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3838>

MONTEIRO, A. S. et al. Educação em saúde realizada por enfermeiros para mulheres com neoplasia de mama: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 12, p. e9450, 2021. Disponível em <https://acervosaude.com.br/index.php/saude/article/view/9450>.

MORAES, B.A; COSTA, N.M.S.C. **Programas de formação docente em saúde: potencialidades e fragilidades**. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 47, n. 3, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1981-5271v48.3-2023-0256>

OLIVEIRA, W. A. D. et al. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 8, e00150020, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Importância estratégica do investimento nacional em profissionais de enfermagem na Região das Américas** [Internet]. Washington, D.C.: OPAS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documentos/importancia-estrategica-do-investimento-nacional-em-profissionais-enfermagem-na-regiao>.

PENHA CONCEIÇÃO, S. M. da et al. A formação do enfermeiro está alinhada ao contexto contemporâneo e às expectativas das instituições de saúde. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [S. l.], v. 98, n. 2, p. e024340, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2024-v.98-n.2-art.2299>. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/2299>.

PINTO, V. A. H.; PAIVA, F. S. “Ah, com certeza iam me dar alta, né...”: autonomia no processo de cuidado em saúde de sujeitos hospitalizados. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. e 310315, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/zfwhxh6jM7DgCn7tPcfKvKs/>.

PIRES, R. de C. C.; LUCENA, A. D.; MANTESSO, J. B. de O. Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde (APS): uma revisão integrativa da literatura. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, [S. l.], v. 12, n. 37, p. 107–114, 2022. DOI: 10.24276/recien.2022.12.37.107-114. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/600>.

ROECKER S, BUDÓ M de LD, MARCON SS. **Trabalho educativo do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família: dificuldades e perspectivas de mudanças**. Rev esc enferm USP [Internet]. 2012, Jun;46(3):641–9. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000300016>

Schultz, T. W. (1985). O valor econômico da educação. Zahar

SILVA, A. G. I. da et al. **Boas práticas de liderança do enfermeiro no contexto hospitalar**. Nursing (São Paulo), São Paulo, v. 24, n. 276, p. 5726–5735, 2021. Disponível em: <https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1253>.

SILVA, L. D. da et al. **O enfermeiro e a educação em saúde: um estudo bibliográfico**. Revista de Enfermagem da UFSM, v. 3, n. 2, p. 401–410, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2676>

VASCONCELOS, Claudinete Maria da Conceição Bezerra; PRADO; Marta Lenise - **Vivendo o sofrimento e os desafios no trabalho: expressões autocríticas de um grupo de enfermeiros educadores.** *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 06, n. 01, 2004. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>.